

# Mário de Andrade, a felicidade e outros lugares

Wilberth Claython  
UFES

*“O Que Quer Dizer  
O que quer dizer, diz.  
Não fica fazendo  
o que, um dia, eu sempre fiz.  
Não fica só querendo, querendo,  
coisa que eu nunca quis.  
O que quer dizer, diz.  
Só se dizendo num outro  
o que, um dia, se disse,  
um dia, vai ser feliz.”*

Paulo Leminski

**RESUMO:** Estudo da relação de alguns conceitos – felicidade, dor, prazer, alegria, tristeza – recorrentes na correspondência de Mário de Andrade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Felicidade; alegria; correspondência literária.

## I. Abertura: espanto, encantamento

Num dos capítulos do livro *Marxismo e forma*, Frederic Jameson propõe, para melhor compreensão, a leitura da obra de Ernst Bloch como um duplo sistema – de variável terminologia – filosófico e hermenêutico. Interessa-nos, agora, contudo, a lembrança de um ponto comumente negligenciado pelos campos discursivos que se dedicam à construção de algum saber: o espanto:

O real filosofar começa em casa, bem abaixo das abstrações oficiais da tradição metafísica, na própria experiência vivida e nos menores detalhes, no corpo e em sensações, nas próprias fontes da palavra enquanto esta vem a ser. Isto explica a presença, em toda a obra de Bloch, destes pequenos esboços expressionistas, freqüentemente tão enigmáticos quanto um “koan” zen-budista, esboços que se alternam regularmente com dissertações filosóficas mais formais, como para reiteradamente nos fazer retornar a uma renovação de pensamento mais primordial no próprio espanto. [...] Na medida em que o espanto constitui uma percepção, implícita ou explícita, do futuro oculto no interior daquilo que existe, ele já carrega em si um fio de enredo, a trajetória do ainda inacabado, a luta do incompleto para liberar-se da informidade do presente.<sup>1</sup>

A julgar pela Introdução, outro não parece ter sido o estímulo de Ronaldo Lima Lins para realizar a escritura de *Nossa amiga feroz* senão o espanto de que o cotidiano se alimenta – mesmo que, às vezes, não o percebamos sob o véu das coisas. No caso, uma situação de tensa expectativa, negativa, vivida pelo autor e outros personagens num vagão de trem em movimento: um sujeito, dados seu comportamento e suas características, delineava-se como um silencioso meliante de alguma espécie. Conduzindo a narrativa nos moldes de quem faz um conto, R. L. Lins leva o leitor, aos poucos, a um grau elevado de suspense para, então, dar o desfecho da cena:

*O que então se passou superou, em muito, as minhas hipóteses. Hoje estou certo de que não me equivoquei e de que nossas companheiras de vagão levaram longe as suas suspeitas, pelo constrangido sobressalto que as atingiu. O rapaz trouxe o braço para fora como um mágico que retira pombos da cartola. Num lance de prestidigitação, soltou no ar sete ou oito bolas coloridas que, bom equilibrista,*

*mantinha em circulação com maestria. Eram bolas verdes, amarelas, vermelhas, azuis, cujo constante movimento de rotação provocou um oh! admirado e uníssono de nossa parte e prendeu, magnetizados, os olhos da criança. Num segundo, a vida ali se reinstalara, transformada.*<sup>2</sup>

É justo esse espanto, ou um certo encantamento (se preferirem), que pretendemos positivar aqui. Tal sensação nos percorre se a temos dentro de nós – ou se a inventamos. Pode, entre nós e o espanto haver infinita mediação que, com cuidado, resumimos em dois termos: vida e arte. Não esqueçamos, entretanto, o que desse malabarismo conceitual disse Guimarães Rosa, em famosa entrevista a Günter Lorenz: “A vida e a linguagem são uma coisa só”.

Para compartilhar do efeito dominó que se verifica desde o ano de 1993, com as sucessivas e merecidas homenagens ao centenário de Mário de Andrade, elegemos alguns de seus textos – cartas, sobretudo – para mostrar como a questão da felicidade, nele, implica um diálogo mais extenso e delicado com outros conceitos: “Eu temo repetir Wilde, que pouco aprecio atualmente, mas a minha vida de artista, essa não tem as dispersões e desequilíbrios dos meus livros: é uma obra-prima”.<sup>3</sup>

Desse modo, esperamos justificar a temática nuclear do que aqui se perseguirá, parcialmente: a história plural do termo felicidade. Ou, mais simples, a epígrafe escolhida: “O que quer dizer, diz. / Só se dizendo num outro / o que, um dia, se disse, / um dia vai ser feliz.”

## II. Mário de Andrade: da felicidade e outros lugares

Pois é: estou convencido que só não é feliz quem é idiota. Felicidade na vida me parece que depende principalmente de duas coisas: a gente ser humano em vez de ser indivíduo e ter um conhecimento franco da vida.<sup>4</sup>

Para Mário de Andrade, é natural que a felicidade, mesmo sendo um fenômeno de extração individual, possa ser compartilhada e até produzida coletivamente, já que é o homem uma entidade social<sup>5</sup>. Quanto a ele, Mário, procura “desassociar palavras” que, à primeira vista, teriam significados opostos ou, tão-somente, palavras com alguma relação. Sobre isso, escreve a Bandeira, em 1924 e a Drummond, em carta citada acima, de 23-VIII-925: “a própria dor é uma felicidade”.

Vale a pena registrar o teor de outra carta:

Não é porque me acho e me sinto feliz que vou ter o descaramento de fugir da dor: “Eu reconheço que soffro”. É possível que eu tenha dado a mim mesmo um conceito muito especial de felicidade, como você já falou numa carta. Porém mesmo que assim seja, você sabe perfeitamente a influência enorme que os próprios conceitos têm sobre a nossa vida... panvital. Pois então que felicidade pra mim foi adquirir um conceito especial de felicidade! Esse conceito vive e age dentro de mim talmente que me dá uma consciência lógica de mim mesmo, uma claridade de vida com destino, uma inexistência de rubatos, relentados e cadência de engano, e principalmente me faz gozar seriamente mas com uma sensualidade inenarrável os meus mais rápidos momentos até de amargura.<sup>6</sup>

Felicidade. Dor. Prazer. Alegria. Tristeza. Felicidade. Sempre estamos a lidar com conceitos. Isso, aquilo. Macunaíma, sem caráter. Não é à toa que Mário, nos seus “Quarenta anos”, faz um soneto de amor à vida... e à morte. O motor da vida é o caminho que leva à felicidade ——— mas tudo é engano.

Aliás, poucos meses antes de sua morte, Mário de Andrade envia provavelmente o seu último retrato para Newton Freitas: “Lhe mando o meu retrato que mais gosto, mas exijo troca. Gosto mais porque

marca no meu rosto os caminhos do sofrimento, você repare, cara vincada, não de rugas ainda, mas de caminhos, de ruas, praças, como uma cidade”. Um labirinto? “Às vezes, quando espio esse retrato, eu me perdôo e até me vem um vago assomo de chorar. De dó. Porque ele denuncia todo o sofrimento dum homem feliz”. O conceito especial de felicidade que criara para si provoca uma tal “transubstanciação de sentimentos”: “me esqueci que sofria. Até que tiraram essa fotografia. E fiquei horrorizado de tudo o que eu sofri”<sup>7</sup>. Sem saber, com saber:

Ao nível imaginário, a Fotografia (aquela de que tenho a intenção) representa esse momento deveras sutil em que, a bem dizer, não sou nem um sujeito nem um objeto, mas essencialmente um sujeito que sente que se transforma em objeto: vivo então uma microexperiência da morte (do parêntese), torno-me verdadeiramente espectro.<sup>8</sup>

Revelando-se, no carteadado, um duplo negativo. É claro, “me esqueci que sofria”. Como aquela lágrima, “morta, dissoluta, fraca, / uma lágrima apenas, uma lágrima”, que ao fim, se “esquece” e se mistura às lágrimas que formam o rio maior, na generosidade de quem é grande. Mário distribui tietês, força, alegria. A própria dor é uma felicidade – aos quatro cantos: prantos de riso: água filtrada:

Rapazes, não confundam a calma destas linhas preparatórias com a melancolia comum. Não tem melancolia aqui. Sou feliz. Estou convencido que cumpro o destino que deviam ter meu corpo em sua transformação, minha alma em sua finalidade.

E passo bem, muito obrigado.<sup>9</sup>

E assina: M. de A. Para nós, poderia ter citado Yukio Mishima. Evitava esta Advertência:

A vida humana dura apenas um instante. Devemos passá-la fazendo o que nos agrada. Neste mundo passageiro como um sonho, viver na infelicidade fazendo apenas aquilo que nos desagrada é tolice.<sup>10</sup>

Dizendo não se lembrar em que parte da obra de Machado de Assis se encontra, Mário de Andrade, reiteradas vezes, escreve a amigos a frase atribuída ao autor de *Memorial de Aires*: “Alguma coisa é preciso sacrificar”. Toda a sua epistolografia deixa os rastros evidentes quanto a essa, digamos, tomada de posição... estratégica. Se há sacrifício, se houve, a que espécie de perda está ligada essa atitude? Alguns aspectos devem ser relevados, ainda que numa possível desordem.

Sem rodeios: Mário era um “antipatriota convicto”: “sinto que passaria a adorar o Japão ou a Zululândia, com a mesma gostosura, o dia que passasse a morar lá”<sup>11</sup>. Mas Mário não mora “lá” – nem na Cochinchina. Vivendo no Brasil, pelo Brasil se interessa:

Eu sou brasileiro. Não tenho a mínima pretensão de **ficar**. O que eu quero é viver o meu destino, é ser badalo do momento. Minha obra toda badala assim: Brasileiros, chegou a hora de realizar o Brasil.<sup>12</sup>

Incansável pesquisador e colecionador, Mário quer abraçar o Brasil com as mãos. Num de seus projetos inacabados, esclarece o caminho aventureiro que tomara, em nome de um objetivo pioneiro:

Fui obrigado a me meter num despropósito de assuntos e por isso a ficar na epiderme de todos eles. Sobre poesia, poética, estética, arquitetura, música, prosa, psicologia, pintura, e até linguagem escrevi! Numa época como a nossa em que o conhecimento seguro de cada uma dessas criações da vitalidade humana pede uma vida inteira, devera compreender que era impossível pra mim criar obra duradoura. Não fiz mais que vulgarizar.<sup>13</sup>

Na ânsia de preencher tais lacunas, Mário vai se desviando, conscientemente, de um “outro” destino. Mas a História não prima por registrar ausências<sup>14</sup>. Por isso, cartas – como as chuvas – fertilizam. O primeiro ‘sacrifício’ seria o abandono de uma vida intelectual e artística mais homogênea, especializada, qualificada, em função de outra mais agitada, diversificada, plural, irregular, centopéica, heterogênea, em suma, marioandradina:

“Meu ideal não é levar a vida que estou levando, meu ideal é uma vida especializada numa ramo só de arte, digamos música como estudo e literatura como criação e só. Saber do resto só pra enriquecimento lateral meu e não pra escrever sobre e no entanto escrevo sobre tudo, dou alarma de tudo porque se eu não der os outros não dão, faço crítica de tudo, faço verso, faço jornalismo, faço romance faço conto escrevo histórias musicais gramatiquinhas de língua, estéticas gerais, críticas literárias, tudo forçado pelas circunstâncias sem nada de profundo sem nada de bem pensado, pura vulgarização...”<sup>15</sup>

Nos meados da década de 20, entre o projeto da gramatiquinha e a carta a Pedro Nava, Mário, em busca da expressão mais conveniente aos seus propósitos de artista, não separava o aspecto lingüístico do estético. Tal confusão levou-o a afirmar, em carta de 25, a Manuel Bandeira, um outro “sacrifício”:

A parte messiânica do meu esforço, o sacrificar minhas obras, escrevendo-as em língua que ainda não é língua, não é sacrifício de Jesus, é uma necessidade fatal do meu espírito e da minha maneira de amar, só isso. [...] Você compreende, Manuel, eu empobreci os meus meios de expressão. Não faço dúvida nisso. Empobreci-os conscientemente.<sup>16</sup>

Quase vinte anos passados, em carta a Newton Freitas, de 9-VI-

44, Mário confessa a “surpresa” de se “ver traduzido”. Parecia-lhe contraditório que a sua obra, dedicada de modo pleno ao erguimento cultural da nação brasileira, pudesse ultrapassar a própria fronteira – do sacrifício – a que se obrigara:

Uma obra de combate artístico, lingüístico e explosivamente nacionalista como a minha, decerto foi a consciência de toda essa restrição estética que eu me impunha que fez com que nunca eu sonhasse me ver traduzido ou conhecido fora daqui. [...] Desejei ser útil no meu rincão e cultivei o meu jardim, sem sonhos vãos.<sup>17</sup>

Mário de Andrade, assim como multiplicar-se em estudos os mais variados, praticamente inexistentes à época, via na própria criação uma espécie de sacrifício – visto que nesta criação o ingrediente primeiro era o que chamava, com todas as letras, de UTILIDADE. Ensaio fictício-musical inacabado, *O Banquete* estende suas considerações para além da música e, na voz alternativa do personagem Janjão, podemos ouvir a inabalável concepção de arte-ação de Mário:

Sacrificar as nossas liberdades, as nossas veleidades e pretensõesinhas pessoais; e colocar como cânone absoluto da nossa estética o princípio de utilidade. O PRINCÍPIO DE UTILIDADE. Toda a arte brasileira de agora que não se organizar diretamente do princípio de utilidade, mesmo a tal dos valores eternos: será vã, será diletante, será pedante e idealista.<sup>18</sup>

Umbilicalmente ligado aos conceitos de utilidade, destino e sacrifício está o de transitoriedade. Inúmeros exemplos poderiam ser pescados da generosa obra de Mário de Andrade. Insinuante táxi, em “O culto das estátuas – II”, de 29 de setembro de 1929, Mário elucubra sobre o esforço dos amigos (vivos) para restaurar a memória do amigo morto:

Não é o morto que tem de vencer, esse já está onde vocês quiserem, pouco se amolando com as derivações da existência terrestre. Quem tem de vencer é o grupo de amigos. E se observe que muitas vezes esses amigos (do morto), nem se dão entre si. O “grupo” se justifica apenas pela admiração sentimentalizada do morto e esses indiferentes se sentem irmãos. Isso é lindo e muito comovente. Só não acho comovente o derivativo: — Vamos fazer estátua, gente!<sup>19</sup>

Por essa deliciosa crônica, Mário dialoga com a questão do tempo, complexa e presente nas ações e criações do homem, em todos os... tempos.

É incontestável que esse problema problemático de ficar ou não ficar jamais me preocupou e o considero pueril. Uma placa neste 108 da rua Lopes Chaves, uma estátua, ou melhor, um bronzinho, homenagens e muitos discursos pelo centenário da minha morte, não me interessam nada<sup>20</sup>.

Negando o narcisismo da celebridade – “sonhar com o busto em praça pública, nem me parece ridículo, me parece ascético”<sup>21</sup> –, cujo símbolo seria a estátua, Mário opta inexoravelmente pelo aqui e agora. “Eu sempre me revoltei contra essa idéia de ‘ficar’ que enche tanto a boca, até do Villa. Não posso compreender essa história de escrever pra ficar”<sup>22</sup>.

Convidado a analisar a obra de Castro Alves<sup>23</sup>, Mário declara-se um pouco constrangido, visto que terá que fazer uma revisão de valores advindo daí um duplo risco: primeiro, e secundário, ir contra a opinião corrente e unânime da crítica que havia transformado o poeta e orador romântico num ídolo incontestado, numa... estátua; segundo risco, e principal, ao negar a “identidade eterna” dada a Castro Alves, restaria buscar o seu “valor permanente” – o que seria, para Mário, presunção do poeta. Algo assim como o simples avesso de uma canção de Caetano Veloso: “e quando eu tiver saído / para fora do teu círculo / tempo tempo tempo tempo / não serei nem terás sido”.

Inundando suas cartas e ensaios de reflexões acerca da transitoriedade da vida, Mário procura justificar o próprio modelo sobre o qual construiu sua obra, de caráter utilitário, momentâneo, e com o sacrifício de “alguma coisa”. Surge o paradoxo quando caminhamos para o ato final: “Alguma coisa há de ficar. Não eu porque isso não tem importância nenhuma pra mim, te juro, que pode me incomodar agora que em 1978 alguém diga que tive valor?”<sup>24</sup>

Sacrificar-se é preciso? Viver é que é: preciso.

Engana-se, quiçá, quem vê no sacrifício de Mário de Andrade um elemento negativo, substância expurgável, triste pecado. Mário “escolhe” fazer uma obra ÚTIL, através de uma “língua que ainda não é língua” e, mais, dividindo o seu campo de pesquisa e produção entre múltiplas áreas, caindo, segundo ele, na vulgarização. Em consequência, conclui, o destino que lhe cabe – à sua obra – é o de ser transitório. Como a vida de um homem: “Não bote nada de estética na vida de você, bote vida que não tem nada que ver com as atitudes artísticas e portanto desinteressadas do espírito.[...] Antes de ser artista seja homem.”<sup>25</sup>

Separados, o homem e o artista, siameses escrevendo cartas – esse gênero assim, de um para um outro, vidas em movimento. Mário, mesmo diante das agruras do corpo (males constantes) e do bolso (falta de dinheiro), esses lances materiais que arrasam um ser, organiza a sua vida – professoral! – de modo que gostar e gastar seja um, seja uma “religião”. Ao mesmo Drummond, em cartas com vinte anos de intervalo:

Tudo está em gostar da vida e saber vivê-la. Só há um jeito feliz de viver a vida: é ter espírito religioso. Explico melhor: não se trata de ter espírito católico ou budista, trata-se de ter espírito religioso para com a vida, isto é, viver com religião a vida. Eu sempre gostei muito de viver, de maneira que nenhuma manifestação me é diferente.

Para mim, viver é gastar a vida. [...] Se vê pelas minhas cartas de todos os tempos que se eu quero gastar e não

conservar a vida, não se trata de nenhuma desistência, de nenhuma covardia atual, de nenhum suicídio. É questão de temperamento, de realidade instintiva do meu ser.<sup>26</sup>

Mário de Andrade não rimava com a incorrespondente palavra morte. Em longa carta a Henriqueta Lisboa, de “21=22-III-42”, Mário narra o episódio do suicídio de José Antônio Ferreira Prestes (O CORPO É QUE NEM VÉU LARGADO SOBRE UM MÓVEL), que o procura em vão (UM GESTO QUE PAROU NO MEIO DO CAMINHO), por todos os lugares (GESTO QUE A GENTE ESQUECEU). “Mas eu não estava, não estava, não estava. Ali pelas três horas, então, ele me escreveu uma carta que guardo, botou na caixa do correio, foi em frente da porta da Polícia Central e meteu uma bala no ouvido.” (MORTO, SUAVEMENTE ELE SE ESQUECE SOBRE AS FLORES DO CAIXÃO.)

Clarice dizia, via GH, que “a vida é tão contínua que nós a dividimos em etapas, e a uma delas chamamos de morte”. Sei não: Mário ia discordar – cada um no seu terreno, e de direito. Mário ignora, ignorava a morte, coisa metafísica que está além e depois. Mário, todavia, é “aqui e agora”, de certo modo, um instante-já:

Eu jamais que imagino na morte, creio que você sabe disso. Aboli a morte do mecanismo da minha vida e embora já esteja com meus trinteito anos, faço projetos pra daqui a dez anos, quinze, como se pra mim a morte não tivesse de ‘vim’... como todos pronunciam. A idéia da morte desfibra danadamente a atividade, dá logo vontade da gente deitar na cama e morrer, irrita.<sup>27</sup>

Sentiu talvez um desaponto muito grande  
De ter largado a vida sendo forte e sendo moço,  
Teve despeito e não se moveu mais.  
E agora ele não se moverá mais.

Vai-te embora! Vai-te embora, rapaz morto!  
Ôh, vai-te embora que não te conheço mais!<sup>28</sup>

Ponto.  
Esquece.

Mário queria vida, corpo, felicidade, alegria. Mas não aquela alegria contemplativa, espectadora, “cósmica”, cheia-de-graça-aranha, platônica e, afinal, distante do homem. Outras palavras, descubra, em dupla:

A verdadeira alegria nem sabe que é alegre. Eu não sabia que era alegre. Agora é que sei. Felizmente é que pude vencer o preconceito da alegria por causa da minha intensa vida.<sup>29</sup>

La joie constitue ainsi toujours une sorte d'en plus', soit en effet supplémentaire et disproportionné à sa cause propre qui vient multiplier par l'infini telle ou telle satisfaction relative à un motif déterminé, et c'est cet en plus que l'homme joyeux est précisément incapable d'expliquer et même d'exprimer.<sup>30</sup>

Intensidade e quantidade: circulando sensualidades. Em carta de 7-XI-27, ao amigo Manú, diz que sua “vida de pensamento”, apesar da “aparência fria” era tão séria quanto a “vida físico-psíquica”. “Eu tenho paixão por pensar. Mas não tenho medo que isso me prejudique porque inda tenho mais paixão pela vida”. A palavra-paixão, chave. Que transforma saídas em entradas, que justifica as “fracas forças de artista criador”, que identifica transitoriedade e felicidade, sacrifício e prazer, sacrifício e saúde moral e intelectual, sacrifício e alegria física de viver, sacrifício e egoísmo... nobre<sup>31</sup>.

Paixão crítica, radical, sem margem. Mário, muito mais que útil, foi bom. Sendo um, muito mais que um “valentim-magalhães”: daqueles

artistas cuja vitalidade é apenas enquanto dura a vida, pouco doadores de Beleza, mas fortes agenciadores do movimento,

ativos propulsores mais da progressão que do progresso, fontes malévolas de inquietação [...] um eterno convite à criação... dos outros<sup>32</sup>.

Cá entre nós, num plágio honesto e consciente, “pra melhorar a coisa roubada”, o destino real de Mário de Andrade é aquela permanência após a morte, aquela atividade certamente mais fecunda e menos propriamente humana que divina, de criar o descanso, o prazer, a evasão deste mundo que a Beleza dá.

Nesse quadro, torna-se indispensável a leitura da carta de 27-VIII-43, a Moacir Werneck de Castro, em que Mário hesita na explicação de por que sacrificou o desejo de “continuar querido depois de cadáver, osso, pó filho da puta”: “Entra tanta coisa nessa decisão: lealdade pra comigo mesmo, medo de sofrer, sensualidade, gosto de viver, esse meu engraçado complexo de culpa que atravessa a minha poesia toda.”<sup>33</sup>

A grandiosa obra de Mário nos permitiria multiplicar exemplos de como se forma uma corrente a partir do conceito central de felicidade: (veja organograma na página seguinte)

Este organograma nos faz retomar a nota 14. Será, mesmo, como diz Hegel, que à felicidade correspondem as páginas brancas da história? Pensamos que não. Contrariamente ao filósofo alemão, cuja obra privilegia a reflexão sobre sistemas sociais amplos e o enfoque de caráter totalizante, objetivo e homogeneizador, presenciamos a emergência de conceitos filosóficos operacionais como individuação, fragmento, diferença, subjetividade, potências. A felicidade, com todas as letras, vira história.

|                       |                 |          |                 |            |                |                       |
|-----------------------|-----------------|----------|-----------------|------------|----------------|-----------------------|
| Arte / Vida           |                 |          |                 |            |                | Pensamento/<br>Paixão |
| Felicidade            | Solidão         |          |                 |            |                |                       |
|                       | Individualidade | Dor      |                 |            |                |                       |
|                       |                 | Tristeza |                 |            |                |                       |
|                       |                 | Prazer   |                 |            |                |                       |
|                       |                 | Alegria  | Instante        |            |                |                       |
|                       |                 |          | Fugacidade      |            |                |                       |
|                       |                 |          | Transitoriedade | Destino    |                |                       |
|                       |                 |          | Tempo           | Utilidade  | Brasilidade    |                       |
| Paixão/<br>Pensamento |                 |          | Morte           | Sacrifício | Universalidade |                       |

### III. Fechamento: alguma esperança

Desprezar os deuses, odiar a morte e ter paixão pela vida: tais são as atitudes que tipificam o homem absurdo, como o entendeu Camus em *O mito de Sísifo*. Ao interpretar o castigo sofrido pelo herói – empurrar uma pedra até o alto de um monte de onde, ciclicamente, ela despenca e a tarefa se reinicia –, o filósofo argelino afirma, na contracorrente da obviedade analítica, a felicidade de Sísifo. Se o tempo mítico mostra-se fixo, imóvel, no tom da superfície, congelado, leitura de primeira instância, já a sua retomada consiste, justamente, na sobreposição de camadas interpretativas, dinâmicas, mutáveis, regidas pelo movimento do tempo histórico.

Para o autor de *O estrangeiro*, a felicidade se instaura a partir da consciência do sujeito: a passagem pelo mundo é, sob qualquer aspecto, irreversível. Por mais insatisfatória ou trágica que seja a existência, viver deve ser uma força imperativa. Estrategicamente, Camus assim abre seu livro de ensaios:

Só existe um problema filosófico realmente sério: é o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, aparece em seguida. São jogos. É preciso, antes de tudo, responder. E se é verdade, como pretende Nietzsche, que um filósofo, para ser confiável, deve pregar com o exemplo, percebe-se a importância dessa resposta, já que ela vai preceder o gesto definitivo.<sup>34</sup>

Deslocando o foco da questão do suicídio (tratada em geral como fenômeno social, coletivo, massivo) para a experiência do indivíduo e suas motivações internas, Camus apresenta o elemento de inflexão, de virada, de uma nova perspectiva filosófica: o absurdo. Mais que a paciente precisão do conceito, o absurdo requer – para o seu entendimento – uma certa predisposição ou, melhor, um sentimento

de perplexidade diante do “estado das coisas”. Essa percepção, por si só, constrói em torno do sujeito as paredes do absurdo: opacas, intransponíveis.

Acontece que, à semelhança do sacrifício de Sísifo, a consciência do existir supera seu caráter de absurdidade. Não sendo para sempre, existir é para frente. Assim, a reflexão motivada pelo tema do suicídio passa pela constatação do absurdo e chega, enfim, ao terceiro tema: o caráter vital da esperança. Camus opera o desmonte do suicídio como redenção, aponta a complexidade ‘caótica da ordem’ do absurdo existencial e recupera a esperança como mola propulsora para o futuro.

É no momento em que se conscientiza de sua tarefa, interminável, e na tentativa de superá-la (transformá-la), é nesse momento que Sísifo transcende o destino pelo desprezo da regras preestabelecidas por deuses sem rosto e por isso mesmo – pelo seu desprezo, pela sua revolta, pela sua consciência – é que podemos imaginar Sísifo feliz.

Albert Camus se aproxima, portanto, do pensamento de Ernst Bloch e de seu princípio-esperança, do otimismo e da “crença nas possibilidades de concretização das idéias utópicas na história, apesar de todas as catástrofes e triunfos históricos do mal” e se distancia da visão trágica e pessimista “de um pensamento histórico que se deleita na contemplação das ruínas e das imagens da destruição”, como a de Walter Benjamin<sup>35</sup>.

Não se deixar dominar pela alienação, resignação, melancolia ou se abandonar ao niilismo: tal é o nosso esforço, o de Mário de Andrade, tal é o esforço de Sísifo. Nesse esforço, ao qual adicionamos um singular prazer, reside nossa glória, nossa esperança, nossa felicidade.<sup>36</sup>

## Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo* (cartas a Carlos Drummond de Andrade). Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Aspectos da literatura brasileira*. 6ª ed. São Paulo: Martins, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Cartas a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins*. Estudos de Álvaro Lins; apresentação de Ivan Cavalcanti Proença, comentários de José César Borba e Marco Morel. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto*. Org. Georgina Koifman. Apresentação de Antonio Candido. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Correspondente contumaz* (cartas a Pedro Nava). Edição preparada por Fernando da Rocha Peres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Mário de Andrade – Oneyda Alvarenga: cartas*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*. Organização e notas por Lígia Fernandes. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968.
- \_\_\_\_\_. *O Banquete*. Introdução de Sidney Coli e Luís Carlos da Silva Dantas. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Poesias completas*. Edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Querida Henriqueta* (cartas a Henriqueta Lisboa). Revisão, introdução e notas: Pe. Lauro Palú. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Táxi e Crônicas no Diário Nacional*. Estabelecimento de texto, introdução e notas por Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/SCET-CEC, 1976.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Tradução: Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 1981.
- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. 3ª ed. Tradução e apresentação de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- CASTRO, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade – Exílio no Rio*. Rio de Janeiro, Rocco, 1989.
- JAMESON, Fredric. *Marxismo e forma: teorias dialéticas da literatura no século XX*. Tradução: Iumna Maria Simon (coord.) São Paulo: Hucitec, 1989.
- LEMINSKI, Paulo. *Distraídos venceremos*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- LINS, Ronaldo Lima. *Nossa amiga feroz: breve história da felicidade na expressão contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

- MISHIMA, Yukio. *O Hagakure*. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- MÜNSTER, Arno. *Ernst Bloch: filosofia da práxis e utopia concreta*. São Paulo: Editora da UNESP, 1993. (Biblioteca Básica)
- PINTO, Edith Pimentel. *A gramatiquinha de Mário de Andrade*. São Paulo: Duas Cidades, Secretaria de Estado da Cultura, 1990.
- ROSSET, Clément. *La force majeure*. Paris: Minuit, 1983.

## Notas

- 1 JAMESON, Fredric. *Marxismo e forma: teorias dialéticas da literatura no século XX*. Tradução: Iumna Maria Simon (coord.) São Paulo: Hucitec, 1989, p. 98-9.
- 2 LINS, Ronaldo Lima. *Nossa amiga feroz: breve história da felicidade na expressão contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 18
- 3 ANDRADE, Mário de. *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*. Organização e notas por Lígia Fernandes. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968, p. 168. Carta de 26-IV-35, a Sousa da Silveira.
- 4 ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo* (cartas a Carlos Drummond de Andrade). Rio de Janeiro: José Olympio, 1982, p. 48.
- 5 Cf. ANDRADE, Mário de. *Mário de Andrade – Oneyda Alvarenga: cartas*. São Paulo: Duas Cidades, 1983, p. 44 e 97, cartas de 29-I-33 e I-III-35.
- 6 ANDRADE, Mário de. *Cartas a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1967, p. 159. Carta de 2-VI-29.
- 7 ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo*, p. 39. Carta de 16-IV-1944.
- 8 BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Tradução: Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 30.
- 9 ANDRADE, Mário de. *Poesias completas (Losango cáqui)*. Edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1987, p. 121.
- 10 MISHIMA, Yukio. *O Hagakure*. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 39.
- 11 ANDRADE, Mário de. *Querida Henriqueta* (cartas a Henriqueta Lisboa). Revisão, introdução e notas: Pe. Lauro Palú. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990, p. 8. Carta de 16-IV-40.
- 12 ANDRADE, Mário de. *Cartas a Manuel Bandeira*. Carta de 8 de novembro de 1924.
- 13 In: PINTO, Edith Pimentel. *A gramatiquinha de Mário de Andrade*. São Paulo: Duas Cidades, Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p. 314.

- 14 “Hegel não se equivoca quanto aos riscos de se trazer para o universal uma categoria que, a seu ver, pertence apenas ao espectro da individualidade. ‘Chamamos de feliz àquele que se acha numa relação de harmonia consigo mesmo. Na consideração da história, podemos também adotar o ponto de vista da felicidade – mas a história não é o seu lugar. Nela, os períodos de felicidade são suas páginas brancas.’ Compreende-se. Em sua concepção da existência, as ações humanas, não importa quais, estão voltadas para um objetivo. Talvez se preocupasse em priorizar a importância das transformações, a despeito das dores que ocasionavam em sua época. Mesmo assim, ocupou-se do problema, o que dá a dimensão de sua importância.” (LINS, Ronaldo Lima. *Nossa amiga feroz*, p. 48-9.)
- 15 ANDRADE, Mário de. *Correspondente contumaz*. Edição preparada por Fernando da Rocha Peres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 75. Carta de 25-IV-926, a Pedro Nava.
- 16 ANDRADE, Mário de. *Cartas a Manuel Bandeira*, p. 67.
- 17 “*Correspondência de Mário de Andrade (a Newton Freitas)*”. *Revista IEB-USP*, p. 17. São Paulo, 1975.
- 18 ANDRADE, Mário de. *O Banquete*. Introdução de Sidney Coli e Luís Carlos da Silva Dantas. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p. 130.
- 19 ANDRADE, Mário de. *Táxi e Crônicas no Diário Nacional*. Estabelecimento de texto, introdução e notas por Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/SCET-CEC, 1976, p. 149.
- 20 ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto*. Org. Georgina Koifman. Apresentação de Antonio Candido. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 295. Carta de 12-X-29.
- 21 ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins*. Estudos de Álvaro Lins; apresentação de Ivan Cavalcanti Proença, comentários de José César Borba e Marco Morel. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983, p. 66.
- 22 ANDRADE, Mário de. *Cartas a Manuel Bandeira*, p. 83. Carta de 1925.
- 23 ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. 6 ed. São Paulo: Martins, 1978, p. 109.
- 24 ANDRADE, Mário de. *Correspondente contumaz*, p. 75. Carta de 25-IV-926, a Pedro Nava.
- 25 ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo* (cartas a Carlos Drummond de Andrade), p. 35. Carta de 27-V-25.
- 26 ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo* (cartas a Carlos Drummond de Andrade), p. 3 e 315. Cartas de 10-XI-24 e 16-III-44.
- 27 ANDRADE, Mário de. *Cartas a Manuel Bandeira*, p. 189. Carta de 28-III-31.
- 28 ANDRADE, Mário de. *Poesias completas (Remate de Males)*, p. 258.
- 29 ANDRADE, Mário de. *Cartas a Manuel Bandeira*, p. 57. Carta de 18-IV-25.
- 30 ROSSET, Clément. *La force majeure*. Paris: Minuit, 1983, p. 9.

- 31 ANDRADE, Mário de. *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*, p. 164. Carta de 26-IV-35, a Sousa da Silveira.
- 32 ANDRADE, Mário de. *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*, p. 164. Carta de 26-IV-35, a Sousa da Silveira.
- 33 In: CASTRO, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade – Exílio no Rio*. Rio de Janeiro, Rocco, 1989, p. 205.
- 34 CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. 3 ed. Tradução e apresentação de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989, p. 23.
- 35 MÜNSTER, Arno. *Ernst Bloch: filosofia da práxis e utopia concreta*. São Paulo: Editora da UNESP, 1993, p. 76. (Biblioteca Básica)
- 36 Esse texto, com ligeiras e providenciais modificações, foi apresentado como trabalho final no curso “A ‘felicidade’ e a expressão contemporânea”, ministrado pelo professor Ronaldo Lima Lins, em 1993, no doutorado da UFRJ. Pouco tempo bastou para que o texto ganhasse uma cobertura de pátina. O convite a pensar o lugar da felicidade na história é, no entanto, o suficiente para que o texto se mostre, com seu raro viço e excessivas câs.